

FAMÍLIA, GÊNERO E EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS E DESAFIOS FRENTE AOS NOVOS ARRANJOS FAMILIARES

FAMILY, GENDER E EDUCATION: PERSPECTIVE AND CHALLENGES IN THE FACE OF NEW FAMILY ARRANGEMENTS

FAMILIA, GÉNERO Y EDUCACIÓN: PERSPECTIVAS Y DESAFIOS FRENTE A NUEVOS ARREGLOS FAMILIARES

Iara Maria de Araújo¹
Francisca Maria da Silva Barbosa²
Antônia Eudivânia de Oliveira Silva³

Resumo

Neste trabalho temos por objetivo analisar a forma como a escola lida com as diferenças e dialoga com os diferentes arranjos familiares a partir de suas práticas educativas, saberes e concepções. Realizamos uma pesquisa qualitativa em uma escola pública da cidade de Crato – CE no ano de 2019, momento que entrevistamos professoras e gestores.. Não raro, o discurso das famílias “desestruturadas” – aquelas que difere do modelo tradicional nuclear – aparece como dificultador do processo de aprendizagem. Nos resultados, observamos que apesar da escola reconhecer os novos arranjos familiares, esses ainda são um desafio, principalmente quando pensamos na formação do professor que não oferece o suporte teórico necessário, gerando silenciamentos e omissões diante de conflitos vivenciados em decorrência da pluralidade de arranjos familiares no interior da escola, apesar do esforço das educadoras ao buscar estratégias que garantam o tema ser debatido e considerado dentro dos processos educativos.

Palavras-chave:

Família. Gênero e educação. Diversidade. Práticas pedagógicas.

Abstract

This paper's objective is to analyze how the school deals with differences and how it dialogues with different family compositions through its educative practices, knowledge, and conceptions. This is a qualitative research made in a public school at Crato-CE in 2019. At that time interviews were conducted with teachers and managers. In the study, not rarely, the discourse about “disrupted families”- those that differ from the traditional nuclear model - appears as one of the education process hindrances. In the results, it is noted that although the school acknowledges new family compositions, those are still a challenge, mainly when it regards teacher education, which does not offer the necessary theoretical support. Therefore it creates silencing and omission regarding conflicts derived from the family composition pluralities inside the school. However there is an educator's effort to search for strategies that assure this theme's debate and consideration in the educational process.

Keywords:

Family. Gender e education. Diversity. Pedagogical practices.

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará e professora associada da Universidade Regional do cariri e docente no Mestrado Profissional em Educação/ URCA. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2401-6843> E-mail: iara.mar@terra.com.br

² Professora da Educação básica, Mestra em Educação e integrante do Laboratório de estudos e pesquisas sobre gênero, educação, sexualidades e diferenças - Universidade Regional do Cariri (URCA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2936-3396> E-mail: francisca_msb@hotmail.com

³ Doutora em Sociologia pela UFRN e vice coordenadora do Laboratório de estudos e pesquisas sobre gênero, educação, sexualidades e diferença - Universidade Regional do Cariri (URCA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6925-3749> E-mail: eudivanasilva@gmail.com

Resumen

El objetivo de este artículo es analizar cómo la escuela afronta las diferencias y cómo dialoga con las diferentes composiciones familiares a través de sus prácticas, saberes y concepciones educativas. Se trata de una investigación cualitativa realizada en una escuela pública de Crato-CE en 2019. En ese momento se realizaron entrevistas a docentes y directivos. En el estudio, no pocas veces, el discurso sobre las “familias desestructuradas” -aquellas que difieren del modelo nuclear tradicional- aparece como uno de los obstáculos del proceso educativo. En los resultados, se observa que aunque la escuela reconozca nuevas composiciones familiares, éstas siguen siendo un desafío, principalmente en lo que se refiere a la formación docente, que no ofrece el soporte teórico necesario. Por lo tanto genera silenciamiento y omisión respecto a los conflictos derivados de las pluralidades en la composición familiar al interior de la escuela. Sin embargo, hay un esfuerzo del educador por buscar estrategias que aseguren el debate y la consideración de este tema en el proceso educativo.

Palabras clave: Familia. Género y educación. Diversidad. Prácticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Refletir acerca do conceito de família implica tentar uma compreensão dos diversos significados que o termo comporta. A dificuldade ou impossibilidade de uma conceituação geral e/ou fixa do que seja uma família se justifica, tendo em vista toda uma variabilidade histórica dessa instituição, que desempenhou funções distintas em diferentes contextos e momentos históricos. Desse modo, é importante reconhecer que, ao refletir sobre família, não lidamos com uma categoria universal que se aplica univocamente a todos os casos, mas sim com uma instituição social que se molda de acordo com condicionantes econômicos, sociais, políticos e culturais. Embora tenhamos experiências e relações com determinados modelos de família, ainda assim, e talvez por esse motivo, seja tão difícil definir esta palavra. Para início de conversa, é preciso pensá-la como uma instituição social dinâmica, tendo em vista referir-se a uma realidade em permanente transformação, com formas e finalidades diversas, em tempo, espaço e grupo social, rompendo com a visão de família como fenômeno natural (PRADO, 1991). A família é algo que se define a partir do universo de cada grupo de indivíduos, é reproduzida e ressignificada simbolicamente a partir de realidades e culturas que a instituem. Essa concepção nos possibilita fazer interpretações sobre como essas famílias se constroem e como o discurso social sobre essas reflete nos diferentes arranjos familiares.

Com o passar tempo e com todas as transformações sociais vivenciadas, diferentes modelos e composições de famílias manifestam, até hoje, uma grande capacidade de resistência e adaptação, existindo em múltiplos contextos e articulando-se com outros marcadores sociais, como gênero, geração, sexualidade, e outros mais. Aspectos extremamente relevantes, pois coloca em discussão posições e papéis sociais de seus membros, direitos, trabalho, chefia domiciliar. (SCOTT, 2005). Todos esses enlaces apontam a

complexidade do tema, ressaltando a existência, não apenas de um modelo de família, mas sim de vários arranjos familiares que hora ganham visibilidade.

As pesquisas sobre família no Brasil têm demonstrado diversidade na sua organização, tanto no que se refere à composição, quanto no que diz respeito às formas de sociabilidade que vigoram em seu interior (GOLDANI, 1994; SARTI, 2004; CARVALHO, 1995). Os indicadores demográficos gerados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelaram, no último censo realizado no ano de 2010, a progressiva diversidade dos arranjos familiares no país. Segundo dados do censo, a família nuclear representa 49,9%, enquanto outros tipos de família representam 50,1% do total. Para Piscitelli (2006, p. 49), no que se refere às categorias pelas quais se estuda o parentesco e as relações familiares, a discussão no contexto atual propõe explicitamente, “uma desorientação”, a partir da qual se possa obter um novo senso de direção”. A síntese do debate afirma a importância de centrar as análises nos significados conferidos pelos sujeitos às suas relações. A proposta aqui seria então indagar sobre as tensões que envolvem o debate sobre parentesco e relações familiares em cada contexto e cultura.

Ao atentarmos para a instituição escolar e a pensarmos enquanto aparato social, percebemos que ela reflete o contexto social no qual está inserida, assim, as famílias dos alunos que frequentam as escolas públicas do país refletem as questões acima esboçadas, ou seja, esses estudantes não pertencem unicamente ao modelo normativo de família nuclear, mas estão, hoje, inseridos dentro de diversos arranjos familiares, sejam eles monoparentais, adotivos, extensos, recompostos, homoafetivos, dentre outros.

É importante reificar o quão difícil é romper com as referências normatizadoras instituídas culturalmente, inclusive quando essas definições são cristalizadas e transmitidas pelos dispositivos estatais, religiosos, econômicos, jurídicos e pedagógicos existentes na sociedade. Assim, essas definições acabam por criar modelos do que pode e do que não pode ser validado como família, priorizando determinados arranjos em detrimento de outros, desconsiderando relações e arranjos fora da normatividade de gênero, raça/etnia ou classe. Sobre isso, vale a pena destacar que, historicamente famílias afrodescendentes, nativas, migrantes e em outras condições, nunca tiveram direitos familiares mínimos garantidos. Essa prerrogativa sempre pertenceu a um modelo muito específico de família que, não por acaso, ainda é espelho para normatização familiar até os nossos dias.

Tensionando essa relação na prática cotidiana escolar, Miskolci (2012) destaca que a escola, historicamente, sempre teve dificuldades em lidar com as diferenças e, ao invés de

valorizá-las, tende a silenciá-las através de práticas homogeneizadoras e monoculturais. A partir dessa lógica, é possível perceber que as diferenças não são valorizadas e incluídas nos debates que acontecem na escola, mas, ao contrário, tem se tornado motivos de exclusões e desigualdades. Como ressalta Louro (1999), a escola não apenas reproduz desigualdades, mas também as produz.

A reivindicação pela atuação da escola, por meio de práticas pautadas no respeito às diferenças e no enfrentamento de preconceitos, em suas mais variadas vertentes, sempre foi preocupação dos movimentos sociais envolvidos com as causas de gênero e educação. Em meio às propostas pedagógicas e projetos educativos criados pelas escolas, a família estará presente como parceira em potencial e a escola é vista como um espaço institucional privilegiado para a convivência e relações sociais. Aqui, entendemos que os laços familiares, antes estreitados pela tríade mãe-pai-filho, hoje se desvelam em outros cenários com protagonistas diferentes, como madrastas, padrastos, avós e avôs, tios e tias, entre outros, o que permite refletir sobre a percepção da escola frente aos compassos das diferenças e diversidades, trazidas por esses novos arranjos.

Não raro, presenciamos, por parte dos professores, núcleo gestor e até funcionários, discursos relacionando os novos arranjos familiares como “famílias desestruturadas”. As novas formas de convivência, marcadas pela presença ou ausência de mães, pais, avôs, avós, tias, tios, namoradas, namorados ou outras pessoas que fazem parte do convívio da criança, são utilizadas para justificar o baixo desempenho escolar dos alunos. Essa ideia de desestruturação familiar e suas implicações no baixo rendimento escolar tem sido o foco central das pesquisas sobre família e escola no Brasil.

No bojo dessa discussão, os temas família, gênero e escola se entrelaçam, aspectos que serão considerados nessa análise. Nos últimos anos, em meio a uma onda conservadora, questionamos como a escola reconhece essas diferenças e dialoga com a realidade dos novos arranjos familiares de forma a reconhecê-los, sem taxa-los de “desestruturados”, ou em “desordem”, para usar o termo de Roudinesco (2003).

Neste trabalho, temos por objetivo analisar a forma como a escola lida com as diferenças e dialoga com os diferentes arranjos familiares a partir de suas práticas educativas, saberes e concepções.

A pesquisa que deu subsídio para esse artigo foi de caráter qualitativo, realizada em uma escola de ensino fundamental, da rede pública na cidade de Crato, localidade que compõe a região metropolitana do Cariri, situada ao sul do estado do Ceará, Brasil no ano de 2019.

Além de uma revisão bibliográfica que forneceu os fundamentos teóricos e conceitos fundamentais para o estudo, foram realizadas observações diretas do funcionamento da instituição dentro de suas rotinas diárias tais como: recepção das crianças, horário do recreio, decoração das salas e do pátio da escola. A intenção foi atentar para os pressupostos culturais presentes nas práticas educativas cotidianas relacionadas ao tema em estudo. O aprofundamento qualitativo da investigação ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com a coordenadora pedagógica e a diretora da escola, além de três professoras de História do 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental. O critério foi definido considerando que a disciplina de história contempla o tema família em uma de suas unidades curriculares. Também foi importante ouvir a coordenadora pedagógica e a diretora tendo em vista que, na maioria das vezes, são esses profissionais que realizam o elo de comunicação entre escola e família e catalisa as queixas dos professores. As questões abordadas versaram sobre o processo de relacionamento/acolhimento com os diferentes arranjos familiares, quais os desafios para lidar com o tema e como estes profissionais se posicionam diante da diversidade de arranjos familiares presentes na escola e os canais de comunicação com as famílias utilizados pela escola.

FAMÍLIA, FAMÍLIAS

O que é família? Será possível definir essa palavra, conceituá-la de alguma forma? O amplo repertório de escritos sobre família demonstra não apenas a polissemia do conceito, mas também a complexidade em compreender essa temática que se entrelaça com questões sociais mais amplas e pessoais ao mesmo tempo, e nos faz repensar sobre nossas próprias referências de família. Nesse sentido, é mais fácil, nos dias atuais, ouvirmos denominações do que não seria uma família, que ao contrário

O amplo repertório de escritos sobre família só demonstra que o conceito está muito longe de respeitar as fronteiras estáticas, universais e definitivas fartamente atribuídas por linhas teóricas tradicionais a esta instituição. É precisamente seu caráter dinâmico por acompanhar o movimento da história por meio de importantes mudanças em seu interior, que ainda faz todo sentido refletir sobre a ideia de família e reformular a noção que fazemos desse grupo social, sem desatá-lo de toda uma contribuição teórica anterior (NADER; RANGEL, 2015, p.234).

As famílias brasileiras passaram por inúmeras mudanças ao longo dos tempos. As transformações no tradicional arranjo familiar caracterizado como família patriarcal, durante muito tempo, utilizada como sinônimo de família brasileira, redefiniram certos padrões e

hierarquias, dando lugar a outros modelos de família. Entre as explicações mais comuns para as mudanças nas estruturas familiares, sobressai a crescente e marcante presença das mulheres brasileiras nos espaços públicos, nas últimas décadas, acompanhada pelas discussões sobre feminismo, trabalho, desigualdades e direitos da mulher (GOLDANI, 1994).

Ressaltamos que a concepção de família, que historicamente foi sendo construída, é fruto da trajetória de sua existência na sociedade. Na família, dão-se os fatos básicos da vida: o nascimento, a união, o sexo, a morte. Dessa forma, “é a esfera da vida social mais naturalizada pelo senso comum, onde parece que tudo se dá de acordo com a natureza, porque a família regula as atividades de base biológica, como o sexo e a reprodução” (CARVALHO, 1995, p. 40). No entanto, é importante pensarmos que as referências dos papéis assumidos socialmente pelos integrantes da família tais como a divisão sexual do trabalho, a vivência familiar, (incluindo os afetos e proximidades entre os integrantes), o controle da sexualidade, entre outros condicionantes, pouco ou nada é natural, mas sim resultante do significado simbólico do qual essa instituição foi revestida.

Murray Bowen (1991), ao falar sobre o efeito e poder das relações familiares sobre os indivíduos, nos informa que toda criança nasce fusionada, indiferenciada em relação a sua família. Durante o seu desenvolvimento, sua principal tarefa será diferenciar-se para alcançar autonomia e independência. Na família as crianças experimentam tanto o pertencimento quanto a diferenciação. Nesse caso, pertencer significa participar, saber-se membro dessa família, compartilhar as suas crenças, valores, regras, mitos e segredos; enquanto diferenciar, refere-se à afirmação de sua singularidade, a sua individuação e ao seu direito de pensar e expressar-se independentemente dos valores defendidos por sua família.

A análise de Bowen (1991) nos alerta para a importância que a instituição familiar exerce sobre os sujeitos, positivamente ou negativamente. Tendo em vista, as possibilidades de ser e estar atualmente em nossa sociedade e nas combinações familiares com as quais nos deparamos, temos nas unidades familiares dispositivos capazes de solidificar ou esvaziar relações humanas e isso não deixa de recair nas instituições escolares.

Em meio aos inúmeros tipos de famílias e suas definições destacadas por diferentes autores e instituições, destacamos, a seguir, cinco estruturas familiares ressaltadas nos estudos de Saraceno e Naldini (2003). Dentre elas temos: a família **monoparental**, formada apenas pelo pai ou pela mãe que assume determinadas funções; família **reconstituída**, formada por pessoas que se casam pela segunda vez e unem seus filhos sob o mesmo teto; famílias **unipessoais** representadas por aquelas pessoas que optam pela independência

individual; famílias **amorf**as, constituída por pessoas que não possuem vínculos sexuais (amigos, parentes) e as famílias **homoafetivas**, constituídas por duas pessoas do mesmo sexo, geradora de grandes discussões no contexto social atual.

Todas essas tipologias são ramificações da chamada família moderna

A família 'moderna' constituída no final do século XIX e meados do XX representa uma ruptura em relação ao modelo tradicional. Fundada no amor romântico, a família passa a ordenar-se a partir da escolha. [...] A família tradicional representava uma célula estável remetida ao mundo imutável. A partir da possibilidade de escolha, os laços conjugais passam a ser fortalecidos e os casamentos arranjados diminuem significativamente. Assim, a autoridade patriarcal, predominantemente na família tradicional, cede espaço à divisão do trabalho e da responsabilidade pelos filhos entre os esposos e a introdução do Estado como responsável pela educação das crianças (TEPERMAN, 2014, p. 84, apud BITTELBRUNN, 2016, p. 33).

Essas configurações, embora chamadas de "novas", sempre existiram e coexistiram, no entanto, tendencialmente foram ignoradas, devido a um modelo referencial dominante. Por isso, também, muito desses arranjos ocupam uma posição marginalizada dentro da sociedade, sendo comum associá-los a concepções de famílias "desestruturadas", "erradas" e "incompletas".

Sabe-se que "o modelo ideal de família está sedimentado no imaginário coletivo e subsiste, muitas vezes, como um sistema de controle que se expressa por meio dos mecanismos de preconceito, exclusão e discriminação" (TOLEDO, 2007, p.15). Dessa forma, não é tão simples se desvincular de uma ideia que se encontra no plano das representações. Assim, parece-nos interessante pensar na problemática dos arranjos familiares, envolvendo as transformações de gênero que permeiam essas relações.

É possível perceber que a lista daquilo que é incluído ou excluído do termo família é enorme. Essas definições múltiplas se relacionam aos discursos religiosos, morais, legais, das tradições culturais e familiares de cada indivíduo e das políticas sociais, daí sua importância e complexidade. Como afirma Saraceno e Naldini (2003, p.23), "a família é como um tecido de vários fios que formam um desenho. Mas quando se distingue um fio antes oculto, ou não visto, a percepção do desenho se modifica".

São questões como essas que Piscitelli (2006) nos propõe tomar o parentesco e as relações de gênero como uma questão empírica, ou seja, experiencial e não como um fato universal que recai e tem o mesmo peso sobre todos os sujeitos.

FAMÍLIA, GÊNERO E DIFERENÇAS

Enquanto espaço simbólico, a família é alvo de representações sociais ao mesmo tempo em que cria representações. É comum presenciar, ouvir e também reproduzir um conjunto de prescrições para os sujeitos sociais que são incorporados por ela. Tal noção configura-se dentro da família na divisão de papéis de gênero, ou seja, aquilo que seria permitido ao homem e à mulher em um dado contexto. Assim, temos a imagem, que ainda tem muita força, tais como a mãe que cuida dos filhos e da casa, do pai que trabalha fora e que mantém financeiramente o lar. Em relação aos filhos, espera-se que os meninos sejam fortes, independentes, agressivos, dominantes, e as meninas, contrariamente, dependentes, sensíveis, afetuosas.

Essas representações, que contêm discursos, normatizações, restrições, proibições, valores e produzem efeito sobre os sujeitos, delineiam seus contornos e práticas, construindo e transmitindo conceitos. Cabe ressaltar que essas representações são produtos culturais, que nos são apresentados por diversos discursos sociais, como propagandas, além de outros artefatos culturais, como brinquedos e livros infanto-juvenis. Assim, “as imagens de família veiculadas e produzidas expressam a representação dominante, ou hegemônica de uma dada sociedade” (XAVIER FILHA, 2007, p.19).

As criações dos métodos contraceptivos permitiram a separação da sexualidade da gravidez, “esse fato criou as condições materiais para que a mulher deixasse de deter sua vida e sua sexualidade atadas à maternidade como um destino” (SARTI, 2008, p. 9). As leis do divórcio, as separações, entre outros fatores, permitiram novas reinvenções nos papéis de gênero, alterando formas de agir, de pensar, repercutindo nos modos de vida e valores que acabaram tendo efeitos no mundo subjetivo das mulheres e na ampliação da atuação da mulher no mundo social, fatos que repercutiram na formação de diferentes modelos familiares.

Pensar nas relações de gênero no estudo da família é considerar que essa instituição é fruto e protagonista, como afirma Dias (2015), dos processos de mudanças, desencadeados pelos atores que a compõem e a instituem. Todos os questionamentos em torno do que seja uma família hoje, como funciona, quais suas normas de funcionamento, prolongam-se às relações sociais de gênero, abrindo espaço para novas formas de olhar a família e as dinâmicas que se constroem e se reconstróem no seu interior.

Scott (1990), ao refletir sobre gênero, sugere que a partir do estudo dessa nova categoria pode-se entender como, ao longo da história, se produziram construções que envolvem e legitimam a diferença sexual. Reconhecendo que essa desigualdade foi construída,

a autora propõe que, a partir do gênero, possa haver a sua desconstrução, como também dos estereótipos, que por sua vez, estão associados ao poder.

Essas assimetrias são notadas na dinâmica da vida familiar e na sua organização, segundo os papéis sociais que os indivíduos que a constituem desempenham, diversificando modelos de ser e de fazer na dinâmica familiar. Esses, são cobrados para todos os arranjos familiares, tomando como exemplo as famílias homoafetivas, uma vez que o próprio imaginário do outro, e muitas vezes do próprio parceiro (a), levanta questionamentos sobre as representações parentais.

Assim, percebemos que a família, enquanto instituição generificada, como afirma Dias (2015), ecoa em seus atores, destinos, interesses, modelos de hierarquia, relações de poder, negociações, entre outros, operando também sobre os temas de desigualdades e diferenças, podendo, portanto, enquanto construção social, cultural, ser desconstruída.

A forma como lidamos ou incorporamos as diferenças é algo bastante propício a essa discussão. O fato de pertencermos a uma dada família e, portanto, não pertencermos às demais, por si já estabelece uma diferença. O problema, no entanto, se dá não ao simples pertencimento, mas a partir do momento que tratamos ou interpretamos aquilo que não reconhecemos enquanto semelhante ou comum, como estranho, esquisito, anormal.

Em geral, quando nos colocamos em comparação com o outro e o julgamos diferente de nós, tendemos a tomar nossos próprios hábitos, costumes e modos de vida como verdadeiros, e os demais como inadequados ou falsos (MISKOLCI, 2012). As diferenças, entre elas as encontradas nas famílias, são parte da cultura, do convívio social. Elas reafirmam que não há apenas uma maneira de viver no mundo, mas várias possibilidades, podendo operar no contexto do igualitarismo, da diversidade. Embora causem conflitos, é necessário reconhecê-las como um atributo do outro, que não deve ser julgado como melhor ou pior, quando comparado com o que nos identifica. As diferenças nos constituem, são apenas mais uma maneira ou forma de viver num mundo plural.

DIVERSIDADE FAMILIAR E ESCOLA SOB OS OLHARES DE EDUCADORAS E GESTORES

Mesmo sendo uma realidade, os arranjos familiares ainda são entendidos, dentro dos ambientes educacionais, como algo tolerado e aceitável. O simples fato dessa diversidade ser reconhecida não impossibilita exclusões ou situações de preconceitos que advêm, muitas

vezes, da própria falta de informação ou conhecimento. De acordo com a posição das entrevistadas e entrevistado da pesquisa (coordenador, diretora e professoras), pudemos compreender suas percepções sobre o que é família e suas posições sobre as variações e multiplicidade que a escola lida em termos de arranjos familiares.

Ao questionarmos os gestores sobre o que é uma família, percebemos que eles começam a atentar para a realidade familiar na qual os alunos estão inseridos.

Se fosse em tempos passados, como se diz, se fosse na minha época, há 20 anos atrás, ou até 10 anos atrás, a gente poderia dizer que família era uma organização de pais, e até pais biológicos, irmãos e tudo. Mas com o passar do tempo essa família se modificou, a gente percebe que a família hoje é quem está morando naquela casa, não necessariamente que tenha sangue, que tenha traços biológicos mesmo, mas aqui na escola a gente já tem situações assim. Então é quem está morando ali numa casa, não necessariamente que sejam filhos biológicos (Diretora).

Diante da situação que nós vivemos hoje, é um termo muito diverso na minha concepção. Porque nós saímos daquele conceito fechado de família tradicional de pai, mãe e filhos, e vivemos uma perspectiva atual de que na realidade nós não temos mais uma família nesses moldes, então hoje as famílias. Então eu acredito que esse conceito meio que está se transformando. Está numa situação de transição ainda, e para a sociedade como um todo, ainda passa por uma questão de aceitação (Coordenador Pedagógico).

Em ambas as respostas é possível compreender que a concepção de família esboçada não é mais só aquela constituída por pai, mãe e filhos, unidos por laços biológicos. Nos comentários, percebemos que há o reconhecimento das transformações e variações que essa instituição vivenciou ao longo do tempo. A expressão “família hoje é quem está morando na mesma casa” amplia o conceito apontando inúmeras possibilidades de arranjos familiares. Na fala do coordenador também notamos a palavra transição, o que aponta para o entendimento desse conceito como mutável e não estático.

A posição das educadoras sobre o conceito de família aponta para as suas funções educativas e para os sentimentos que supostamente devem estar presentes dentro dessa instituição social, ou seja, como uma medida de valor, um critério para a vida familiar e para o grupo nela envolvidos, aspectos que nos remetem para a observação de Da Matta (1987, p. 125) ao destacar que a família “também se faz na convivência social intensa e longa. É um dado de fato na existência social e também um valor.”

Entendo que família é o amor, não importa se composta por homem e mulher ou por outras pessoas do mesmo sexo, até porque família é um conjunto de pessoas que tem que promover a educação dos filhos e sempre influenciar de forma positiva (Professora 1).

Eu defino família como a base da construção de um indivíduo, já que sua formação está relacionada com as pessoas próximas a ele. Não sendo relevante a forma como essa família é organizada, pois seu comportamento inicial não está inserido nesse contexto (Professora 2).

Para mim, família vai além dos laços de sangue. São aqueles com quem convivemos diariamente, quer seja no trabalho, na escola... (Professora 3).

Observamos, nos depoimentos, que a ideia de família evocada está relacionada ao sentimento de amor, não restrito às vivências entre um homem e uma mulher, nem aos laços de sangue, deixando claro também a função socializadora desse grupo social. “É nesse meio que a criança aprende a canalizar seus afetos, a avaliar e selecionar suas relações [...]”. É nessa instituição que a criança recebe orientação e estímulo para ocupar um determinado lugar na sociedade adulta”. (PRADO, 1991, p. 40).

A problemática das diferenças no contexto escolar, envolve muitos marcadores, tais como gênero, raça/etnia, sexualidade, religião e diversidade familiar, coloca em pauta a formação dos educadores, dentro da sua formação inicial, nos cursos de graduação ou em formações continuadas, o que poderia garantir práticas pedagógicas mais inclusivas e democráticas.

Ao serem indagadas sobre a temática da diversidade familiar em suas formações, as educadoras destacam, mais a preocupação com a atualidade do tema, do que mesmo uma formação que garanta apropriação do tema e que permita repensar práticas pedagógicas sedimentadas, que excluem e hierarquizam pessoas e grupos que se afastam dos padrões tidos como aceitáveis e ideais.

Tive contato sim. Até porque é um assunto que envolve muito a educação e o meio social. Vi a discussão dentro da didática que é onde fica mais claro (Professora 1).

Não foi um tema muito abordado não. O contato foi mínimo, essa preocupação surge mesmo na prática em sala de aula, com os alunos. Aliás, é uma discussão que tá tendo reconhecimento agora (Professora 2).

Sim. Desde o início da graduação, esse é um tema de discussão entre e durante os semestres, e está sempre em pauta por ser um ponto marcante quando nos deparamos com o chão da escola (Professora 3).

Embora duas respostas sejam afirmativas, ao serem questionadas sobre a finalidade das discussões e o teor propriamente dito, percebemos que o objetivo das aulas ao trabalhar o tema família era resumido e até restrito à ideia da importância dessa para o processo de ensino aprendizagem e as contribuições dessa integração.

Já uma das respostas nos alerta sobre a ausência dessa discussão dentro dos cursos de graduação, uma formação que permita que professoras e professores possam se apropriar de um referencial teórico que realmente lhe ajude a lidar com esse tema. Segundo Miskolci (2014), essa ausência de temas que, refletem sobre as diferenças, se amplia ainda mais quando dizem respeito às questões como gênero, sexualidades e raça. Acrescentaria, a essas questões, as discussões sobre a diversidade familiar, que a cada dia ganha mais visibilidade dentro da escola, exatamente pelo fato de ter que lidar com ela.

O ambiente escolar não é diferente da realidade que a circunda, nele circulam as diversas formas de vivências familiares. Assim buscamos conhecer a realidade da escola a partir dos arranjos familiares presentes na escola. A diversidade apontada nos depoimentos revela uma diversidade longe de se enquadrar dentro de um modelo normativo de família que a escola ainda insiste em tomar como modelo.

Tenho acolhido crianças em minha sala de várias situações. Tive alunos que os pais se separaram e cada um foi morar com seus respectivos companheiros, caso de pais que assumiram que eram gays e isso causa danos no desenvolvimento da criança, então fica delicado organizar sua mente (Professora 1).

Tenho crianças que são criadas por avós em idade já avançada e só pela mãe (Professora 2).

Sim. Tinha um aluno que o pai largou a família para viver com outro homem. Muitos na escola condenavam o pai por isso e por a mãe ser bem sucedida, esquecendo o aluno, que é só uma criança em meio a tantas mudanças a serem compreendidas (Professora 3).

Aqui na escola a gente já tem algumas situações que a gente percebe, onde tem crianças que moram com dois homens e também já teve criança que morou com duas mulheres (Diretora).

Na escola, a gente tem essa realidade de famílias sendo constituídas apenas pelo pai e os filhos, apenas pela mãe e pelos filhos, em algumas situações por casais, também temos alguns alunos aqui que passam por essas situações de casais que tem pais homossexuais, sejam homens ou mulheres (Coordenador).

Percebemos, na fala da professora 1, a referência à família reconstituída, formada a partir da condição de recasamento de algum dos membros que desejam uma nova união. Esse modelo também está entre os três tipos de família que tem crescido e ganhado destaque na nossa sociedade. Sobre esse tipo de família e o ambiente escolar, a professora afirma que tem sido motivo de tensão entre escola e família, exemplificando com o caso a seguir:

Muitas vezes a criança tá com problemas na escola. A gente manda chamar o pai e a mãe. Mas aí vem só a mãe e já vai se justificando, dizendo que o pai tem outra família e

que quem resolve agora é ela. Ai o que a gente faz? Tenta resolver da forma que ela quer (Professora 1).

Esse caso relatado nos remete às contribuições de alguns autores quando falam sobre a autoridade que a mãe recasada passa a assumir. Segundo eles, as tarefas de uma mãe nessas condições são maiores quando comparadas às mães de família intacta, responsabilizando-se inclusive pela manutenção material e pela autoridade perante os filhos do casamento desfeito (SAMARA, 1998).

Em outras falas, destacaram-se novamente a ocorrência da família monoparental, homoafetiva e a figura da avó, onde inferimos a possibilidade de que os novos arranjos que os sujeitos disseram conhecer sejam um reflexo da realidade que presenciam e vivenciam na escola.

A maneira como lidam com as diferentes vivências familiares na escola também foi algo destacado nas falas.

Para mim é um desafio realizar estratégias para acolher essas crianças (Professora 1).

Essa diversidade está aí. Tem suas dificuldades, mas procuramos agir com naturalidade (Professora 2).

Infelizmente a escola não está preparada para tratar desse assunto, assim como outros que envolve o dia a dia dos alunos. Falta formação e preparo dos professores para acolher esse aluno. Hoje vemos em escolas particulares, psicólogos compondo o quadro de funcionários, é um avanço, porém não podemos esquecer das escolas públicas, elas sim precisam de profissionais preparados, assim como o investimento na formação de professores (Professora 3).

Como disse, aqui na escola a gente já tem algumas situações que a gente percebe, onde tem criança que moram com dois homens e também já teve criança que morou com duas mulheres. E, assim, a gente tenta conversar com os alunos de toda escola para que eles respeitem e que eles entendam essa diversidade que tá acontecendo nas famílias. Mas, de toda forma, nunca percebemos que tem discriminação em relação a isso (Diretora).

De acordo com esses depoimentos, percebemos que lidar com a diversidade familiar ainda é algo desafiante para o professor. Inseguro, muitas vezes até devido à falta de formação, como nos lembra a professora 3, eles acabam se silenciando diante da discussão, pelas dificuldades em trabalhá-las. Ao ser questionada sobre quais dificuldades eram essas, a professora 2 responde que “São muitas. A maior é a resistência dos pais. Eles pensam que estamos ensinando coisas erradas. É muito complicado!” (Professora 2).

A respeito dessa fala faremos duas considerações. A primeira é em relação à visão de diversidade familiar como algo errado, ou seja, fora de um padrão normativo estabelecido como regra. Percebemos também, mesmo não estando explícito no comentário da professora, que

essa resistência se dá pelo fato de associar a diversidade familiar, em nosso imaginário, às famílias homoafetivas.

Aqui nos deparamos ao dilema conservador, bastante atual, de que apresentando as diferentes vivências, estaríamos desconstruindo valores familiares e desestabilizando a própria família ou até doutrinando as crianças a desenvolverem uma sexualidade desviante. Esbarramos, pois, novamente, na discussão de gênero. Essa questão foi evidenciada pelo coordenador pedagógico em umas de suas narrativas:

A minha família ela é extremamente tradicional, a ponto de meu menino tá brincando (é que eu tenho um casal de filhos, uma menina e um menino, o mais velho tem 6 anos) a ponto de meu menino tá brincando com as bonecas da irmã dele e meu pai brigar, minhas irmãs e meus irmão também chamam atenção do menino. Já eu e minha esposa, acredito que pela formação, minha esposa também é pedagoga, é professora, já tem uma visão diferenciada. A gente respeita ou busca respeitar todo tempo o nosso filho e conversar o tempo todo com ele. Essa experiência que a gente tem em casa a gente traz para escola. Nós tivemos um caso específico aqui, não vou dizer o aluno, de uma família que passa pela mesma situação e que nós tivemos de analisar isso enquanto escola. O menino estava passando por isso do pai achar que o menino tem uma opção sexual, na cabeça dele, diferente do que é normal. Resumindo, a mãe veio aqui, conversou muito sobre tios, avós, o próprio pai que não aceita uma coisa que o menino ainda nem sabe se é o que vai ser (Coordenador Pedagógico).

Essa situação apresenta-se como um desafio que tem de ser vencido para que se efetive a construção de uma sociedade mais justa. Nesse sentido, a educação é o primeiro passo a ser dado.

Já no que diz respeito à diversidade familiar nos livros didáticos, na percepção das professoras, buscamos identificar como esses materiais estão apresentando a temática e quais as formas que o professor tem encontrado para trabalhá-la em sala de aula, refletindo também sobre e os desafios encontrados. O fato dessa discussão ser contemplada nos livros didáticos permitirá a professores e alunos se colocar diante de um tema que precisa ser enfrentado, discutido e ressignificado nos contextos educativos.

Quando perguntado como a família tem sido apresentada pelos livros didáticos com os quais trabalha, as professoras afirmaram que:

São apresentadas de uma forma que envolve a diversidade familiar, pois hoje já não temos motivo para discriminar e muito menos excluir as pessoas (Professora 1).

Não é muito comum encontrar livros didáticos com tipos de famílias diferentes da que é tida como nuclear, os materiais que usamos são arranjos fora do livro didático. Nos livros de sala são apresentados famílias apenas com pai, mãe e irmãos (Professora 2).

Ainda nos deparamos com as famílias tradicionais, compostas por pai, mãe e filhos, o que pode observar, que para mim é um avanço, são as diversidades raciais das famílias apresentadas nos livros (Professora 3).

A fala da professora 2 nos remete a uma preocupação real. Muitos professores são dependentes dos livros didáticos, enxergando esses como únicas ferramentas para ministrar seus conteúdos. Dessa forma, nem todos buscam materiais para suprir as ausências percebidas nos livros, limitando-se ao que tem. A professora 3, por sua vez, reconhece um avanço no que diz respeito às questões de diversidade nos livros, a partir das representações raciais. Algo que vem sendo influenciado a partir da Lei nº 10.639/2003 que incluiu no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira.

Diante dessa ausência, questionamos as professoras sobre como elas estão trabalhando essa temática em suas salas de aula.

A estratégia para acolher, para entender e para inserir nas atividades são os depoimentos e experiências. Eles pesquisam, perguntam em casa e apresentam na sala (Professora 1).

Trabalho no contexto atual, procurando sempre trazer recortes de famílias diferentes (Professora 2).

Gosto de buscar os conhecimentos prévios dos alunos. Gosto de puxar deles. Na minha turma do 3º ano, temos uma grande diversidade familiar, mas, a maioria, volta-se para a família tradicional. A maioria, de pais separados e com madrastas e padrastos, alunos que vivem com os avós, por que foram abandonados pela mãe e que nunca conheceram o pai, e assim por diante (Professora 3).

Em duas das respostas (professoras 1 e 3), percebemos que os professores costumam ouvir os alunos através do que já sabem do tema, ou a partir de relatos da sua própria vivência para explorar o conteúdo. Essas estratégias permitem que os alunos se vejam frente a uma pluralidade de referências familiares, com possibilidades de enxergarem o mundo de forma mais ampla e de se incluírem nele também. No entanto essa prática educativa pode se mostrar restrita, considerando que muitas questões não apareceram espontaneamente nas falas dos alunos, o que nos remete à estratégia utilizada pela professora 2, que busca, em outros materiais, figuras que expressem uma maior variedade de representações de família.

Sobre os desafios de se trabalhar a temática da diversidade familiar, as professoras e gestores apontam o seguinte:

Não há dificuldade em trabalhar essa questão. A dificuldade está naquilo que as famílias passam para os seus membros, a forma como educam (Professora 2).

Vejo como desafio, pois temos datas comemorativas que nos cobram constantemente a presença dos pais e/ou mães na escola, e nem sempre estamos preparados para esses desafios encontrados quando se trata de diversidade familiar. Precisamos saber conversar com eles, sem magoar, ou até mesmo opinar sem o mínimo conhecimento das situações existentes em suas vidas e em nossas salas de aula (Professora 3).

Enquanto escola, a gente tenta também adequar o trabalho da escola a essa situação. A gente tenta comemorar agora na escola o dia da família, não mais o dia do pai, nem mãe, a gente tenta né, juntar essas pessoas de todas as formas e que não tenham discriminação para as crianças não sentirem isso na pele (Diretora).

Algumas inquietações estão presentes nas falas, as quais merecem reflexões. O primeiro diz respeito à questão da aceitação do que está sendo transmitido ao aluno em sala de aula, acrescentando também a questão da discriminação citada pela diretora. Mesmo diante das mudanças e variações de arranjos, ainda há pessoas com grande dificuldade em aceitar essas novas configurações. Dessas dificuldades surgem reações de rejeição e preconceito, pelo simples fato de estarmos diante daquilo que não é convencional. Um relato da diretora expressa bem essa situação.

Porque, por mais que tenha essas mudanças, e são nas famílias que a gente convive mesmo, mas a gente percebe que é como se elas não quisessem perceber tá? Porque na minha fala, quando eu tô fazendo para os pais, eu falo dessa diversidade, mas a gente percebe que tem alguma família que ainda fica assim, como meio de nariz torcido, dizendo, querendo dizer “essa diretora, esse coordenador estão meio modernos e estão vendo a família de outra forma”. Então assim, ainda é complicado, por mais que eles convivam com isso, é como se eles não quisessem aceitar (Diretora).

Observamos nesse relato a tentativa da escola em discutir esse tema com os familiares, mas percebemos a frustração da diretora quando essa diz que muitos pais apresentam resistências, rejeitando as informações e diálogos.

Outra inquietação é quanto às comemorações do dia dos pais e dia das mães pela escola. Geralmente, durante toda a semana em que acontecem esses eventos, as crianças têm como atividades a produção de convites, cartões, homenagens, entre outros.

De acordo com Vasconcelos (1989), essa situação de comemorações de datas no currículo escolar merece uma reflexão atenta por parte da escola, a fim de conscientizar que esta realidade familiar pode não fazer parte da vida do educando. A instituição escolar não deve se render ao hábito do senso comum e insistir em fazer festas para comemorar essas datas, pois a realidade da criança ou adolescente é composta pelas configurações familiares que podem ou não compor a tradicional família, o que faz muitas vezes gerar constrangimentos, ausências na escola e nas festas comemorativas, além de fomentar preconceitos. O papel da escola nesse sentido seria o de mostrar que existem diferentes tipos de família e que nem essa ou aquela estrutura é certa ou errada (MACHADO; VESTENA, 2017, p. 12).

Atualmente, como passos para uma educação mais plural, que acolha as diferentes constituições familiares, muitas escolas já têm optado por incluir nos seus calendários comemorações diferentes, como, por exemplo, o “Dia das Famílias”, dia de quem cuida de mim. Não se trata de deixar de comemorar as outras datas, mas de respeitar a pluralidade familiar presente na escola. São iniciativas positivas, que ampliam a participação de outras figuras afetivas, como avós, tios, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda no final do século XIX, Durkheim já apontava para a importante tarefa da instituição escolar ao dizer que “é em nossas escolas públicas que se forma a maioria de nossas crianças, são essas escolas que devem ser as guardiãs por excelência do que pretendemos para o futuro: não importa o que fizermos, elas são a engrenagem da educação geral” (2008, p, 19-20). Não importa o que fizermos da educação hoje, ela vai determinar o nosso futuro. Durkheim não estava falando aqui apenas de conhecimentos científicos, desenvolvimento de tecnologias, e aperfeiçoamento, mas, sobretudo, da relação sujeito e sociedade, e de como manter vivo um ideal.

A discussão acima é relevante pois, no decorrer desse trabalho, procuramos demonstrar como a escola vem acompanhando as mudanças que vem ocorrendo junto aos sujeitos sociais e respectivamente com suas famílias. Ao contrário de realizarmos esse comentário como um ponto de chegada ao destino que pretendíamos alcançar, deixamos aqui possibilidades de partidas para novas reflexões.

A escola, longe da homogeneidade que aparenta ter, assim como a sociedade, acolhe vários arranjos de famílias. Arranjos que apresentam particularidades e especificidades próprias de suas dinâmicas, sendo necessário, a partir das demandas trazidas por esses sujeitos, repensar práticas recorrentes no ambiente escolar, permitindo que as diferenças trazidas por essas configurações sejam contempladas, aceitas e valorizadas.

Retomando o objetivo geral anteriormente proposto, de averiguar de que maneira a escola tem acolhido as diferentes configurações familiares, observamos que, apesar de reconhecê-las, essas ainda são compreendidas como um desafio para a escola, considerando também a discussão da formação do professor que não recebe o suporte teórico necessário para a discussão, muitas vezes se silenciando diante dessas situações.

Conhecer e compreender as dinâmicas que envolvem essas novas constituições, a partir de relatos de vivência dos próprios alunos, foi citado pelas professoras como estratégias de acolher e trabalhar essa pluralidade, no entanto reconhecemos a importância de ir além dos modelos expressos por eles, já que a realidade da sala não reflete todas as variações de vivências familiares. Nessa perspectiva, também observamos tentativas de comemorações pensadas não a partir da figura do pai e da mãe, mas que reconhecem também outras relações afetivas, como, por exemplo, o dia das famílias e de quem cuida mim.

Encerramos esse estudo recorrendo à décima quinta sugestão de Chimamanda Adichie (2017, p.76), que nos serve de lição enquanto professoras e professores, cidadãos e cidadãos na luta por um mundo mais plural e uma educação mais igualitária: “Ensine-lhe sobre a diferença. Torne a diferença normal. Ensine-a a não atribuir valor à diferença. E isso não para ser justa ou boazinha, mas simplesmente para ser humana e prática. Por que a diferença é a realidade de nosso mundo”.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

BITTELBRUNN, Edna. **Família na escola: devorar o modelo, amar a diferença**. Tese (doutorado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação, Salvador, 2016. 244 f. il.

BOWEN, Murray. **De la familia al individuo: la diferenciación del si mismo en el sistema e psicanalítica**. São Paulo, Summus, 1991.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **A família contemporânea em debate**. São Paulo, EDUC, 1995.

DIAS, Isabel. **Sociologia da família e do gênero**. Lisboa. Pactor, 2015.

Da Matta, Roberto. **A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira**. In. MENDES, A. A. (org). Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade. Rio de Janeiro, Espaço e Tempo / Editora da UFRRJ, 1987.

DURKHEIM, Émile. **A educação moral**. Petrópolis, Vozes, 2008.

GOLDANI, Ana Maria. **As famílias Brasileiras: mudanças e perspectivas**. Cad. Pesq., São Paulo, n.91, p., 7-22, 1994.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis, Vozes, 1999.

MACHADO, Daniele de A.; VESTENA, R. de F. **Diferentes configurações familiares na escola: uma reflexão para seu acolhimento**. Intinerários Reflexiones. V 13 n. 2, 2017.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.

MISKOLCI, Richard. (org.) **Marcas da Diferença no Ensino Escolar**. São Carlos: EdUFSCar. 2014.

NADER, M. B.; RANGEL, L. S. . In. COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário crítico de gênero**. Dourados-MS, Ed. UFGD, 2015

PRADO, Danda. **O que é família**. Coleção primeiros passos. 12^o edição. Editora brasiliense. São Paulo, 1991.

PISCITELLI, Adriana. **Joias de família: gênero e parentesco em histórias sobre grupos empresariais brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A família brasileira**. São Paulo, brasiliense, 1998.

SARACENO, Chiara e NALDINI, Manuela. **Sociologia da família**. Lisboa. Editorial Estampa, Ltda. 2003.

SARTI, Cynthia Anderson. Famílias enredadas. In: ACOSTA, Ana Rojas (et all) (Org) **Famílias: redes, laços e políticas públicas**. 4 ed. São Paulo: Cortez/Instituto de Estudos Especiais/PUC-SP, 2008.

SCOTT, Joan. **Gênero, uma categoria útil de análise histórica**. Educação e realidade, V.16 n. 2, 1990.

SCOTT, Parry. **A família brasileira diante de transformações no cenário histórico global**. Revista antropológicas, ano 9, volume 16(1): 217-242, 2005.

TOLEDO, Laisa Regina Di Maio Campos de. **A família contemporânea e a interface com as políticas públicas**. Revista ser social. nº 21, 2007.

XAVIER FILHA, Constantina. **A criança, a família e a instituição de Educação Infantil**. Cuiabá: EdUFMT, 2007.